



NOTA CRÍTICA

Resenha do documentário digital

Unser täglich Brot

Abilio Maiworm-Weiland*

Unser täglich Brot, uma produção cinematográfica digital austro-germânica sob a direção do austríaco Nikolaus Geyrhalter, foi gravado na Europa entre outubro de 2003 e 2005 em estilo documental. Primeiramente foi lançado na Áustria em abril de 2006 e só em janeiro do ano seguinte chegou às telas alemãs. O título em português encontrou a feliz tradução em “O pão nosso de cada dia”. Sua narrativa retrata o dia-a-dia da produção primária de alimentos de origem animal e vegetal articulada ao processo industrial. Apesar da limitação geográfica do documentário, isto é, ao continente europeu, a produção pode ser tomada como referência mundial para o processo desencadeado pela chamada Revolução Verde, ainda na primeira metade do século XX. A partir deste evento, a produção de alimentos ganha contornos cada vez mais dramáticos através das mais avançadas tecnologias disponíveis, cujo último avanço encontra-se nos transgênicos. Além dos resíduos de venenos agrícolas e hormônios, que muitas vezes têm a propriedade de desnutrir, causar obesidade e vários tipos de câncer, os alimentos estão cada vez mais artificializados e com variados aditivos químicos. Incluem-se aí, os refrigerantes dietéticos, talvez o alimento mais distante da natureza atualmente.

O documentário não retrata a pequena produção camponesa num continente praticamente carente de áreas em que a agricultura possa avançar. Ao contrário, é a grande produção capitalista da agricultura, ou agroindústria, que está sendo narrada cotidianamente. Logo no início, a produção animal é expressa pela cena dos porcos recém-abatidos e dependurados, seccionados em duas bandas e com o número “5” em suas carcaças, prontos para seguirem aos frigoríficos e daí aos pontos de venda para o consumidor. A produção vegetal (tomates, batatas, pimentões, maçãs etc.) e a extração mineral são mostradas nas suas mais nuas e cruas intimidades. Isto é, nenhuma fase importante do processo é ocultada. No caso animal, instalações, alimentação, reprodução, controle sanitário e abate são revelados. A agricultura é retratada, conforme a espécie cultivada (cultura), em vários dos seus ciclos. Não obstante, destaca-se a aplicação de agrotóxicos e o processo de colheita. Clara também é a opção do diretor Nikolaus Geyrhalter ao destacar a grande dimensão técnico-científica dos mais diversos setores da produção. Os cultivos de solanáceas – no caso, tomate e pimentão –

* Graduado em ciências sociais pela Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ. Pós-graduado em Fotografia como instrumento de pesquisa nas ciências sociais pela Universidade Cândido Mendes.

são realizados no interior de casas de vegetação e, portanto, sob um microclima artificial. Tal forma de cultivo permite o mais completo controle dos diferentes momentos do ciclo vegetativo, independentemente das condições agrometeorológicas externas.

Sem diálogos em primeiro plano ou comentários, a narrativa é quase exclusivamente imagética. Os sons presentes são emitidos pela própria cena, sem a interferência direta da produção. É como se o diretor tivesse optado pelo antigo chavão “uma imagem vale mais que mil palavras”. Entretanto, sua linguagem é ousada para o tipo de tema que trata, isto é, o universo da agroindústria de alta tecnicidade e em constante processo de transformação. Com cenas por vezes pungentes, o som natural não dá o toque de sutileza, mas lhe acentua o drama. É o caso dos grunhidos dos suínos instantes antes de adentrarem na câmara de abate ao serem fustigados no lombo pelo bastão de choque elétrico.

A dramaticidade também está presente nas cenas em que reina uma aparente serenidade. Por exemplo, há um profundo silêncio presente na imensidão dos girassóis em um dia sem brisa, morno, de luz difusa. Lentamente, o “som” do silêncio vai sendo quebrado pelo ronco do motor do aeroplano que surge longínquo, em idêntica cor das flores, que absolutas, dominam a paisagem. Ele sobrevoa as plantas. Libera uma fumaça cinza e dirige-se rapidamente em direção à câmera. Quando parece que com esta vai se chocar, eleva-se rapidamente, deixando-a registrar o restante da cena. Em seguida, o deslocamento do ar movimenta a vegetação que parece buscar a suave precipitação do veneno pulverizado, quando então, volta a reinar a plenitude do silêncio; absoluto, soturno. Então, surge a colheita mecanizada no fim do ciclo vegetativo dos girassóis; secos, envenenados e completamente despojados de sua fulgurante cor por um marrom pálido, esquálido.

Instigante e ousado também é o recurso cinematográfico de cenas demoradas, quase beirando ao enfado, para simbolizar a intensidade da produtividade alcançada com a alta tecnologia e a organização do trabalho. Tanto os processos de uso intensivo de mão de obra quanto de seu uso mais extensivo, como o de abate, são mostrados por sua feição mais monótona. Os operários executam movimentos repetitivos ao longo de um tempo que parece não passar, mas que sabemos que lhes exigem a máxima atenção e rapidez para acompanhar a velocidade da máquina e da linha de produção. São apêndices da máquina, subsumidos ao processo de produção no qual o proprietário ou os proprietários da indústria estão ocultos. Portanto, o trabalho está submetido à concepção e ao controle de uma gerência que o elabora conforme o modelo taylorista-fordista de organização, alcançando o máximo de rendimento possível.

Por trás da aparente monotonia, Nikolaus Geyrhalter consegue explicitar, com sensibilidade singular, que plantas, animais e seres humanos estão única e exclusivamente submetidos ao avassalador processo de acumulação e reprodução

ampliada do capital, cujo processo socioespaço-temporal deixa atrás de si uma imensa degradação. Assim, em última instância, a própria vida está subordinada a este movimento de reificação. Dimensão ratificada na busca pelo *Unser täglich Brot*, ou mais especificamente em nosso caso, quando cada vez adquirimos no mercado “o pão nosso de cada dia”.

Recebido em 15 de junho de 2017
Aprovado em 10 de agosto de 2017